

A influência da formação acadêmica e os desafios da atuação profissional de psicólogos clínicos recém-formados

The influence of academic training and the challenges of professional performance of newly graduated clinical psychologists

La influencia de la formación académica y los desafíos del desempeño profesional de los psicólogos clínicos recién egresados

Recebido: 19/07/2023 | Revisado: 30/07/2023 | Aceitado: 03/08/2023 | Publicado: 05/08/2023

Anny Beatriz Cavalcanti Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9451-7665>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: lima.annyb@gmail.com

Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9461-7137>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: regina.azevedo@gmail.com

Flávio Lúcio Almeida Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9509-7444>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: flavio.lucio@professor.ufcg.edu.br

Raphaella Stephannie Rosa Magalhães

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1273-790X>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: raphaella98@gmail.com

Resumo

Sabendo que a formação em uma abordagem teórico-prática para atuação na psicologia clínica tem inúmeros impactos na carreira profissional, o objetivo desse estudo foi compreender os relatos de psicólogos(as) clínicos(as) iniciantes a cerca da formação em psicologia clínica na atuação profissional. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem quanti-quali. Participaram 20 psicólogos(as) clínicos(as) iniciantes em atuação egressos de cursos de psicologia das universidades públicas e faculdades privadas do estado da Paraíba/PB, a maioria (75%) sendo do sexo feminino e com tempo de atuação na psicologia clínica entre 1 mês e meio a 3 anos. Foram utilizados como instrumentos o questionário sócio-demográfico/profissional e entrevista semiestruturada. Os dados provenientes das entrevistas foram analisados utilizando o programa IRAMUTEQ através da técnica de Nuvem de Palavras, para aprofundamento dos dados utilizou-se a Análise Categorical Temática e os dados do questionário foram explorados através da estatística descritiva. Os resultados dão indicativos da importância da boa formação acadêmica para a escolha e atuação em psicologia clínica e que a inserção no mercado de trabalho pode trazer riscos à saúde mental dos psicólogos clínicos iniciantes. Neste sentido, conclui-se a importância de conhecer a vivência dos primeiros anos de atuação clínica e construir possíveis ferramentas de cuidado em saúde mental para esse público.

Palavras-chave: Psicologia clínica; Abordagem teórico-prática; Atuação profissional; Ensino.

Abstract

Knowing that training in a theoretical-practical approach to work in clinical psychology has numerous impacts on the professional career, the objective of this study was to understand the reports of beginning clinical psychologists about training in clinical psychology in professional practice. This is a field research, of an exploratory and descriptive nature, with a quantitative and qualitative approach. The participants were 20 clinical psychologists who had just started working and graduated from psychology courses at public universities and private colleges in the state of Paraíba/PB, the majority (75%) being female and with a time of experience in clinical psychology between 1 month and a half to 3 years. The socio-demographic/professional questionnaire and a semi-structured interview were used as instruments. The data from the interviews were analyzed using the IRAMUTEQ program through the Word Cloud technique. To deepen the data, the Thematic Categorical Analysis was used and the questionnaire data were explored through descriptive statistics. The results indicate the importance of good academic training for choosing and acting in clinical psychology and that entering the job market can pose risks to the mental health of beginning clinical

psychologists. In this sense, it is concluded that it is important to know the experience of the first years of clinical practice and to build possible mental health care tools for this public.

Keywords: Clinical psychology; Theoretical-practical approach; Professional performance; Teaching.

Resumen

Sabiendo que la formación en un enfoque teórico-práctico para el trabajo en psicología clínica tiene numerosos impactos en la carrera profesional, el objetivo de este estudio fue comprender los relatos de psicólogos clínicos principiantes sobre la formación en psicología clínica en la práctica profesional. Se trata de una investigación de campo, de carácter exploratorio y descriptivo, con enfoque cuantitativo y cualitativo. Participaron 20 psicólogas clínicas recién iniciadas y graduadas de cursos de psicología en universidades públicas y facultades privadas del estado de Paraíba/PB, siendo la mayoría (75%) del sexo femenino y con experiencia en psicología clínica entre 1 mes y un medio a 3 años. Se utilizaron como instrumentos el cuestionario sociodemográfico/profesional y una entrevista semiestructurada. Los datos de las entrevistas fueron analizados mediante el programa IRAMUTEQ a través de la técnica de Nube de Palabras, para profundizar los datos se utilizó el Análisis Categórico Temático y los datos del cuestionario fueron explorados a través de la estadística descriptiva. Los resultados indican la importancia de una buena formación académica para elegir y actuar en psicología clínica y que el ingreso al mercado laboral puede presentar riesgos para la salud mental de los psicólogos clínicos principiantes. En ese sentido, se concluye que es importante conocer la experiencia de los primeros años de práctica clínica y construir posibles herramientas de atención a la salud mental para este público.

Palabras clave: Psicología clínica; Enfoque teórico-práctico; Actuación profesional; Enseñanza.

1. Introdução

Sabe-se que a psicologia se caracteriza como ciência e profissão, nesta perspectiva abrange diversos contextos de atuação e diferentes orientações teórico-práticas (Abdalla, Batista & Batista, 2008). Entre as possibilidades de atuação como profissional da psicologia, a psicologia clínica se destaca como uma das ênfases mais conhecidas e escolhidas pelos psicólogos, de acordo com o CensoPsi 2022, 43,9% dos psicólogos recém-formados escolheram a psicologia clínica como primeira área de atuação (CFP, 2022). Essa ênfase é formada por diversas abordagens teórico-práticas que orientam o fazer clínico, apresentando maneiras diferentes de cuidar e lidar com as demandas trazidas pelos pacientes. Ferrarini e Camargo (2014) afirmam que é através da abordagem que o psicólogo clínico constrói seu perfil profissional que irá influenciar no desempenho eficiente e ético de suas funções.

Gomes (2009) destaca a importância do perfil profissional começar a ser traçado no decorrer da graduação até a atuação profissional. Destarte, a formação acadêmica é fundamental para a construção de um fazer clínico, visto que “a característica teórico/técnica dos cursos se reflete no encaminhamento que o aluno dá a sua futura profissão” (Meira & Nunes, 2005, p. 341). Assim, “[...] cabe à universidade promover a formação de profissionais na perspectiva da empregabilidade, esta entendida como um conjunto de habilidades e competências necessárias à inserção e permanência no mundo contemporâneo” (Sopelsa, Rios & Luckmann, 2012, p. 74).

Os primeiros anos de atuação profissional são marcados pela adaptação ao mercado de trabalho, reorganização pessoal do psicólogo clínico e o desenvolvimento de habilidades terapêuticas. Segundo Borges (2006), essa fase inicial é marcada pelo desconforto no contato direto com o paciente e a insegurança acerca das novas obrigações e responsabilidades advindas ao novo papel a ser exercido. Além disso, muitos psicólogos percebem a distância entre o que foi aprendido na formação acadêmica e as demandas profissionais na clínica, o que pode ocasionar uma dificuldade no processo de inserção no mercado de trabalho (Bastos et al., 2010; CFP, 2022). Um outro ponto muito relevante na atuação do psicólogo clínico é a necessidade de se inserir nas plataformas virtuais e redes sociais para atender as demandas atuais do mercado de trabalho, o que pode ser gerador de sofrimento ou de diferencial (Tenório & Souto, 2018).

Bordignon (2021) afirma que esses sentimentos são comuns aos novos psicólogos clínicos, pois “o indivíduo sente-se obrigado a tomar decisões que influenciarão diretamente seu futuro, muitas vezes encontrando uma realidade bem diferente daquela que havia planejado” (p., 26). A autora ainda afirma que o diploma de conclusão de curso não garante mais a entrada

direta ao mercado de trabalho da psicologia, tornando frequente o desemprego dos profissionais de psicologia, a dificuldade de trabalhar com a profissão que escolheram e de se estabelecer como profissionais autônomos (Bordignon, 2021). Dados apontam que 10,5% dos psicólogos(as) recém-formados(as) nos últimos dois anos estão sem trabalhar (CFP, 2022).

Devido a isso, é necessário um cuidado atento aos psicólogos clínicos iniciantes e todas as implicações que a entrada no mercado de trabalho podem trazer a sua saúde mental. Neste sentido, justifica-se importante compreender as vivências de psicólogos(as) que estão no início de sua carreira sobre a formação acadêmica e todos os atravessamentos desse período inicial no campo de trabalho. Portanto, o objetivo deste estudo foi compreender as vivências de psicólogos/as clínicos/as iniciantes a cerca da influência da formação acadêmica e as experiências na atuação profissional.

2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza exploratória, que segundo Severino (2018) tem o objetivo de levantar informações sobre a população a ser estudada para delimitar o campo de pesquisa e, também, de natureza descritiva ou explicativa, que apresenta registros e análises do fenômeno estudado e procura identificar suas causas através de métodos qualitativos (Severino, 2018). A pesquisa é de abordagem quanti-quali, centrando-se na compreensão do assunto estudado a partir das descrições dos/as participantes sobre suas vivências. Devido ao estado de calamidade sanitária ocasionada pela pandemia da COVID-19, o estudo foi realizado e desenvolvido através de plataformas virtuais, com a realização de questionários e encontros online através do Google Forms e Google Meet. A coleta de dados aconteceu entre 22 de janeiro de 2022 e 20 de junho de 2022.

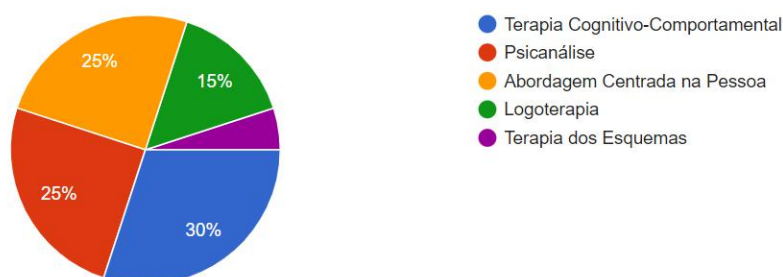
Participaram do estudo 20 psicólogos/as, de ambos os sexos, atuantes na psicologia clínica, com registro ativo no Conselho Regional de Psicologia (CRP), no estado da Paraíba e com no máximo 3 anos de atuação na profissão. O perfil sócio demográfico apontou uma média de idade de 28 anos entre os participantes. A maioria dos/as participantes eram do sexo feminino (15), equivalente a 75% dos participantes, estado civil solteiro (14), faixa de renda entre 1 a 2 salários mínimos (11) e orientação sexual heterossexual (16). No que se refere ao sexo, vale ressaltar, que na busca por participantes foram encontrados mais perfis de psicólogas do que psicólogos, bem como a aceitação para a participação da pesquisa adveio em maior parte das mulheres. Neste sentido, os dados sugerem possíveis questões sobre a relação da psicologia como uma profissão feminina, o que pode indicar possível viés de gênero na atuação profissional em psicologia. Acerca disso, culturalmente, Figuerêdo e Cruz (2017) afirmam que algumas profissões são consideradas como profissões de/para mulheres, por estarem relacionadas ao cuidado, atribuindo o cuidar a uma função exclusivamente feminina.

Em relação à formação acadêmica, os participantes concluíram a graduação em psicologia em universidades públicas e centros universitários privados do estado da Paraíba. No que se refere ao tipo de instituição de conclusão do curso, a maioria dos/das participantes (11) eram egressos de universidade públicas, a saber: cinco (05) egressos da UFCG, quatro (04) egressos da UEPB e duas (02) concluíram o curso na UFPB. Das universidades privadas, três (03) eram egressos do UNIPÊ/JP, três (03) da UNINASSAU/JP (15%), dois (02) egressos da UNINASSAU/CG (10%) e uma (01) tinha concluído na UNIFIP/Patos.

Com relação ao tempo de atuação na psicologia clínica, houve variação entre 1 mês e meio a 3 anos, respeitando-se os critérios de inclusão da pesquisa. No que tange a modalidade de atendimento na clínica, a maioria dos/das participantes (15) afirmaram atender de forma presencial e online, seguido de quatro (04) que afirmaram atender no formato online e uma (01) que afirmou atender apenas de forma presencial. Todos/as participantes atendem em clínicas particulares, contudo quatro participantes também atendem em serviços públicos. Tendo em vista a instabilidade financeira, a maioria dos/as psicólogos/as (12) afirmaram atuar em outras áreas da psicologia além da clínica, entre elas a educacional, docência, assistência social, estimulação cognitiva e aplicação da terapia ABA.

No que se refere a abordagem teórico-prática que baseia o fazer clínico do psicólogo/a iniciante, observou-se psicólogos/as das seguintes abordagens, distribuídos quantitativamente: Psicanálise (05), Abordagem Centrada na Pessoa (05), Terapia Cognitivo Comportamental (06), Logoterapia (03) e Terapia dos Esquemas (01), logo abaixo o Gráfico 1 ilustra melhor essa distribuição.

Gráfico 1 - Abordagens teórico-prática dos/as participantes.



Fonte: Autores (2022).

Neste aspecto, foi possível perceber relativa diversidade de abordagens teórico-práticas na atuação profissional dos psicólogos participantes, sendo observada uma maior atuação nas abordagens de base psicanalítica e humanista existencial, seguido das abordagens cognitivo comportamentais. Tal resultado pode demonstrar um movimento incipiente de transformação na atuação do psicólogo clínico, ocorrendo uma diversidade de bases teóricas e metodológicas, embora na formação acadêmica ainda haja limitações na oferta de ensino acerca dessa diversidade, conforme resgatam os próprios participantes no curso das entrevistas mais adiante. Finalmente, com relação à formação após a graduação, a maioria dos/as psicólogos/as entrevistados/as (16) fazem/fizeram pós-graduação, especialização ou optaram por uma formação continuada, o que denota um movimento de busca de continuidade da formação apreendida na graduação.

Foram utilizados os seguintes instrumentos na coleta de dados, a saber: a) Entrevista semiestruturada: com intuito de compreender as vivências dos participantes, foi construído um roteiro de entrevista com base em estudos realizados anteriormente na área em questão; b) Questionário sociodemográfico e profissional: através do questionário sociodemográfico e profissional buscou-se construir um perfil que caracterizasse os/as participantes. O questionário foi composto por questões referentes a idade, sexo, moradia, renda, religião, religiosidade, abordagem teórico-prática escolhida, tempo de atuação profissional, etc.

Para apoiar a análise dos dados desta pesquisa foi utilizado o software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). O uso do software não é um método de análise, mas uma alternativa para processar os dados, auxiliando na interpretação do pesquisador. Como forma de aprofundar as análises, foi utilizada a Análise Categorical Temática proposta por Figueiredo (1993) e, além disso, foi utilizada também a análise do tipo Nuvem de Palavras, que funciona através do agrupamento de palavras e organização de acordo com a frequência em que elas aparecem, facilitando a identificação do aspecto que prevalece no corpus de texto, no caso, o que aparece com mais frequência nas respostas dos entrevistados (Camargo & Justo, 2013). No que se refere aos aspectos éticos, o estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Alcides Nogueira da Universidade Federal de Campina Grande (HUAC/UFCG), tendo Parecer nº 5.187.861 e CAAE 54293021.6.0000.5182. Ressalta-se que no transcorrer da pesquisa foram salvaguardados todos os pressupostos de pesquisa envolvendo seres humanos de acordo com o que preconiza a Resolução

466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

3. Resultados e Discussão

Após a transcrição e análise criteriosa das respostas das entrevistas utilizando-se a análise categorial temática, conforme supracitado. Emergiram como resultados três classes temáticas (03), que foram subdivididas em nove categorias (09), as quais são apresentadas de modo mais claro no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 - Classes temáticas e categorias emergentes das entrevistas.

CLASSE TEMÁTICA	CATEGORIA
1. Formação Acadêmica	a) Experiência clínica acadêmica b) Insuficiência do ensino
2. Escolha/Psicologia Clínica	c) Hegemonia da Clínica d) Relação Interpessoal e) Experiências na graduação f) Relação Interpessoal/Terapêutica
3. Atuação Profissional	g) Inserção no Mercado de Trabalho h) Clínica e Redes Sociais i) Riscos à saúde mental

Fonte: Autores (2022).

Formação Acadêmica

A primeira classe temática intitulada “Formação acadêmica” foi composta por duas categorias: “Experiência clínica acadêmica” e “Insuficiência do ensino”. Os participantes pontuaram tanto potencialidades da formação acadêmica que contribuíram em sua atuação profissional inicial, como também mencionaram, fragilidades no ensino para o campo profissional escolhido. Foi possível entender que a formação acadêmica influencia sobremaneira a atuação profissional inicial do psicólogo clínico, seja de forma positiva ou limitada. No contexto da formação acadêmica, a experiência em diversas áreas da psicologia como profissão é muito relevante durante a graduação para que o estudante conheça e transforme a sua atuação profissional futura (Bettoi & Simão, 2000). Na categoria “Experiência clínica acadêmica”, os participantes apontaram que os estágios clínicos supervisionados sob o viés de uma abordagem teórico-prática foram muito importantes na graduação e repercutem positivamente na atuação profissional:

“Para a clínica a formação é maravilhosa, a base principal é o estágio, é incrível. É muito rica a experiência de estágio, porque você ali, você está para errar mesmo e eu não tenho nenhum pingo de vergonha dizer: eu errei. Para mim foi muito válido, muito rico” (P5).

“A graduação, ela foi fundamental, altamente influente e de forma poderosa na prática clínica, a forma como a gente é conduzido principalmente nos estágios sobre a abordagem, nos deu uma base muito boa para cometer o mínimo de erro e buscar o máximo possível se aprimorar dentro do pouco que já se sabe” (P9).

As falas dos psicólogos/as coadunam com Abdalla (2007) quando afirma que o estágio supervisionado tem o objetivo

de inserir o estudante na prática profissional de forma consolidada, permitindo o que foi aprendido nas experiências durante a graduação seja concretizado nas ações profissionais. De acordo com os/as participantes, o estágio clínico é o momento de experiência profissional por excelência, mas também é momento de aprendizagem onde se pode permitir errar no sentido de reaver possíveis posturas e atitudes para aprimoramento da atuação futura.

Por outro lado, na categoria “Insuficiência do ensino”, os psicólogos apontaram que durante a inserção no mercado de trabalho e atuando na clínica sentiram falta de terem aprendido sobre uma maior diversidade de abordagens, conteúdos e processos relacionados à prática profissional na clínica, como por exemplo, os honorários, cuidados éticos com documentos de registro psicológico, a questão midiática e burocracias na administração de empresas. Em outras palavras, a inserção no mundo profissional é para o psicólogo clínico iniciante ainda um pouco desafiador, tendo em vista que no ensino acadêmico algumas questões de grande relevância não são enfatizadas, talvez por não contemplarem a proposta curricular da instituição. Contudo, no momento da atuação tais questões surgem como atravessamentos que podem tornar o início na profissão mais conflituoso. Nas falas seguintes pode-se perceber esta constatação:

“Eu não tive muito contato com outras abordagens, a graduação é muito voltada para a psicanálise, é difícil escolher uma outra abordagem, já que a TCC e as humanistas ficam em segundo plano. Você tem que procurar por fora mesmo” (P17).

“Questões assim do jurídico-administrativas, questão de documentação, de como guardar os prontuários, do que o CRP exige, se vale a pena você ter um CNPJ, essas coisas mais administrativas, o que respingam muito na questão da discussão do próprio mercado de trabalho em si. (...) eu sei que a gente está ali para aprender questões da prática da psicologia, mas pouco se fala necessariamente do mercado de trabalho.” (P12)

Como afirma Correia (2007), a formação profissional não deve ser restringida às questões do ambiente acadêmico, mas é necessário dar suporte para a prática e priorizar a junção “da teoria com a prática, com base em uma interlocução com o mundo produtivo, para significar o efetivo exercício de ação profissional, mediante a inserção em contextos reais de trabalho” (Correia, 2007, p. 21). Conforme supracitado nas falas acima, ficou evidente a insuficiência no conhecimento aprofundado de outras abordagens teórico-prática no fazer clínico, sobretudo ao que se refere às terapias humanistas, cognitivas e comportamentais. Parece existir certa tendência para uma prática clínica de base psicanalítica, fato que se mostrou uma limitação na formação do profissional da psicologia clínica. Ainda nessa categoria, os psicólogos apontaram como insuficiência da formação o pouco tempo de experiência prática. Abdalla (2007) afirma que a carga horária de prática clínica reduzida pode causar uma fragilidade no processo de formação, como ressaltam as participantes 10 e 14:

“(...) a gente tem um pouco tempo de prática, então isso prejudica um pouco quando a gente inicia na vida profissional de fato” (P10).

“Por se tratar de uma formação que está nos preparando para o mercado de trabalho é necessário mais práticas, estágios mais duradouros, tive muitos estágios observando, mas seria melhor executando, né? Vivenciando. Então eu acho que falta um pouquinho de prática, a vida profissional, ela cobra diariamente da gente essa prática.” (P14)

Considerando os fragmentos acima, apesar da experiência de estágio ter sido apontada como relevante, parece existir uma necessidade de um maior tempo dessa prática ou mesmo uma antecipação da prática em disciplinas iniciais. Segundo

os/as participantes, a prática relevante para a formação é vivencial e não observacional. Faz-se necessário cargas horárias maiores de estágio e/ou vivências práticas de maior duração ao longo da formação.

Escolha/ Psicologia Clínica

A classe temática “Escolha/ Psicologia Clínica” foi desenvolvida a partir das respostas dos psicólogos no que tange aos motivos que embasaram a escolha pela clínica como seguimento profissional. Neste sentido, foi composta por três categorias, a saber: “Hegemonia da Clínica”, “Relação Interpessoal” e “Experiências na Graduação”. Na categoria “Hegemonia da Clínica” foi possível observar que existe uma ênfase maior no ensino da psicologia clínica durante a formação acadêmica em comparação a outras áreas e que esse fator é muito influente no processo de escolha pela clínica como área de atuação profissional dos estudantes e recém-formados. Assim afirmou o participante 3:

“Existe uma hegemonia da psicologia clínica. Então a gente teve muito mais acesso a essa área do que a outras áreas. E eu sempre escutava muito de alunos que já estavam um pouquinho à frente, o quanto era, entre aspas, mais valioso você fazer uma formação na área clínica do que em outra área” (P3).

Existe no imaginário social a ideia de que o psicólogo sempre será aquele profissional que atende pacientes em um consultório. De acordo com Mello (1975), a clínica entre as outras áreas de atuação da Psicologia foi a que se estabeleceu como a mais nobre, marcando currículos, como também o imaginário social. Os estudantes entram na graduação com essa visão predominante do psicólogo clínico como o profissional principal da psicologia (Schneider, 2011). Compreende-se que essa percepção também encontra sustento no modelo biomédico de saúde que transversaliza a formação do profissional da psicologia clínica. Em muitas Instituições de Ensino Superior (IE’s) o curso de psicologia se encontra na área de saúde, portanto na formação do psicólogo permanece a visão daquele profissional que atua em consultório numa perspectiva de tratamento da doença, análogo a função do médico. Dessa forma, as grades curriculares dos cursos de psicologia reproduzem a ideia da clínica e da psicoterapia como modelos hegemônicos de atuação profissional, o que implica uma prática muito focada na área clínica, tal qual afirma o participante 7:

“O foco maior é em clínica, a gente estuda mais, mais disciplinas voltadas para a clínica, mais estágio, então eu me senti seguro para atuar, eu saberia o que deveria fazer porque aprendi, diferente de escolar, por exemplo, que só vi uma vez” (P7).

Por sua vez, Abdalla (2007, p. 97) aponta que “as atividades acadêmicas devem aproximar o formando do exercício profissional”. É através da prática, da experiência com o paciente, que o estudante (agora psicólogo) aprende os princípios básicos da relação clínica (Abdalla, 2007). Esse pensamento coincide com as falas encontradas na categoria “Experiências na graduação”, em que os psicólogos afirmaram a importância das práticas clínicas durante a formação para a escolha da psicologia clínica,

“Ter as experiências me fez entender melhor, tipo assim, isso aqui se encaixa para mim, isso aqui não dá para mim (...) nos últimos 2 estágios que eu tive, foram estágios clínicos e aí foi quando eu disse: realmente isso é o que eu quero (...) Então, para mim, partiu da experiência, eu vi que eu era boa na clínica e que eu podia fazer um trato e desenvolver um trabalho de qualidade naquele local” (P12).

A fala ressaltada retoma a importância da experiência prática clínica no momento da graduação. Entretanto, a participante emerge a questão dessa experiência ser consolidada apenas no final do curso, tendo em vista ser nesse momento do currículo que a prática efetiva é obrigatória. Neste sentido, conforme também explicitado em outras categorias já descritas, fica evidente a necessidade de uma ampliação da prática ao longo da formação do psicólogo clínico, sendo assim a atuação inicial do profissional seria mais segura e eficaz.

Na categoria “Relação Interpessoal/Terapêutica”, os participantes pontuaram que a escolha pela clínica foi movida pela construção de relação intersubjetiva. De acordo com Carvalho e Kavano (1982), os psicólogos se sentem atraídos pela vivência clínica por compartilharem a experiência de conhecer o outro e adentrar em sua subjetividade, construindo uma relação interpessoal. A opção pela psicologia clínica se funda então numa satisfação em contribuir com a (re)construção das subjetividades, o crescimento psicológico observado através do contato numa relação intersubjetiva é fundamental para a formação do psicólogo, funciona como um fator de motivação, de acordo com as/os participantes. Na fala da participante 19, logo abaixo, se observa esta questão:

“Eu me identifiquei muito com clínica e social, mas você tem que decidir para que área você vai. O que foi determinante para eu escolher área clínica foi o que era mais forte para mim, que era o olho no olho, o contato, acompanhar a pessoa de perto, de querer ver o progresso daquela pessoa, de ver como ela está melhorando, como ela está se desenvolvendo, né? Eu fui para o que me movia mais” (P19).

É importante destacar que a relação psicólogo-paciente, o vínculo terapêutico, é aspecto necessário em todo processo psicoterápico, independente de qualquer abordagem teórico-prática. Dessa forma, Alves (2017) afirma que a boa relação terapêutica influencia positivamente no manejo clínico e redução da resistência do paciente, como afirma a participante 4:

“Eu tenho facilidade de construir vínculo com meus pacientes e isso me ajuda muito, porque eu me coloco disponível para ele e aí ele se sente à vontade na terapia e participa mais ativamente” (P4).

A fala da participante 4 denota o quanto o contato com cada paciente e a compreensão da importância do vínculo terapêutico para o crescimento psicológico na psicoterapia são aspectos relevantes na atuação do psicólogo clínico iniciante. Os participantes parecem entender como esta questão é imprescindível para um bom fazer na clínica. Este achado demonstra o quanto a formação do psicólogo clínico se pauta num conhecimento que não é apenas teórico, mas também prático, o que provém de uma vivência anterior da clínica que se dá no momento da formação, sobretudo nos estágios supervisionados, conforme já debatido. Nesse sentido, Aguirre, Herzberg, Pinto, Becker, Carmo e Santiago (2000) afirmam que a formação da atitude clínica do aluno vai englobar a tríade: psicoterapia pessoal do estudante, o conhecimento teórico e a prática clínica supervisionada. Portanto, é possível entender que a escolha pela psicologia clínica ocorre sob a égide tanto de paradigmas da área de saúde como por elementos que constituem a própria prática na psicologia clínica.

Atuação Profissional

Essa classe temática foi dividida nas “Inserção no mercado de trabalho”, “Redes sociais e Psicologia” e “Riscos à saúde mental”, reunindo falas dos participantes sobre suas vivências atuais como psicólogos clínicos iniciantes. A primeira categoria, “Inserção no mercado de trabalho”, apresenta as dificuldades encontradas pelos participantes na transição do término da graduação e inserção no mercado de trabalho. Acerca disso, Bordignon (2021, p. 18) afirma que esse processo de transição

exige uma “reavaliação das escolhas realizadas, das experiências vivenciadas e uma antecipação do que está por vir, tanto em termos profissionais, quanto pessoais”. Se estabelecer no mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais difícil, pois a conclusão do curso superior não garante a esse novo profissional um emprego ou uma carreira autônoma. O psicólogo clínico iniciante precisa investir e lidar com as questões mais presentes nesse momento de inserção, como por exemplo a captação e escassez de pacientes.

Neste sentido, foi possível compreender que o início da atuação profissional é marcado por uma instabilidade que necessita de posicionamento e determinação. A captação de pacientes exige do profissional uma exposição maior de seu trabalho quando não se tem tanta habilidade diante de um mercado com outros profissionais atuantes há mais tempo. Outro fator inerente a essa questão, é a escassez de pacientes. A psicologia clínica ainda é uma área de pouco acesso a população geral, seja por questão financeira ou por questão de conhecimento acerca da função do psicólogo na promoção saúde mental, fato que justifica a ausência de procura por essa área. A participante 4, na fala descrita abaixo, aponta tais questões como motivo de insegurança no início da profissão, chegando até atingir sua autoconfiança profissional.

“Captar paciente com certeza tem sido mais difícil para mim. Em uma semana você tem pacientes, mas na outra eles não voltam mais. Aí eu me pego questionando sobre minha prática, causa uma insegurança, tanto quanto profissional quanto pessoa” (P4).

Além disso, o investimento financeiro para início da atuação também se apresenta como um obstáculo no caminho do psicólogo iniciante. As demandas de manutenção da clínica são urgentes e presentes de forma contínua, esta realidade demonstra o quanto no início da profissão exige-se um investimento financeiro mínimo que dificulta a atuação.

“Eu acho que para o iniciante, a maior dificuldade é o financeiro. A partir do momento que abri a agenda em novembro já estava pagando a conta. É você tirar, você pagar para trabalhar, né?” (P5).

A segunda categoria, “Clínica e Redes Sociais”, traz angústia e dificuldades perante o uso de redes sociais para propagação do trabalho do psicólogo clínico. Tenório e Souto (2018) apontam que para conseguir um lugar no mercado, o psicólogo precisa atender ao novo perfil profissional que o mercado exige e necessita. Cada vez mais espera-se que os psicólogos clínicos estejam presentes nas redes sociais, compartilhando e facilitando os assuntos psicológicos através das ferramentas digitais. Apesar dessa estratégia servir para aumento da visibilidade do psicólogo clínico iniciante, ela também gera angústia:

“A concorrência é alta hoje em dia, a forma de indicação hoje é, mas não deveria ser, com quantidade de seguidores, com aquelas pessoas que aparecem nas mídias, quanto tempo de formação ela tem... e às vezes você não consegue mostrar quem você é, o seu fazer, o quão você é ética com o que você faz, porque as pessoas estão mergulhadas nessa vida e você tem que se mergulhar” (P14).

“Foi difícil para mim a questão do marketing. E a gente precisa, né? Mostrar nossa carinha nas redes sociais, mostrar que a gente tem conteúdo, que a gente tem conhecimento na área, para estar no mercado.” (P11)

“É angustiante criar o conteúdo, esperar por likes. Se não der muitas visualizações, fala sobre minha capacidade

como psicólogo? É uma dúvida que surge e angustia” (P15)

As falas supracitadas evidenciam um desdobramento da atuação profissional em psicologia no mundo contemporâneo. Ao psicólogo clínico atual não cabe somente ter uma formação e um agir de acordo com esta, mas também é função deste profissional fazer chegar ao público informações acerca de sua área de atuação e sua forma peculiar de agir na profissão. Observa-se com isso a grande influência do mundo das informações transversalizando a atuação profissional na psicologia clínica. A divulgação do trabalho do psicólogo via redes sociais (Instagram, Facebook, Youtube, etc) é uma necessidade contemporânea e torna a atuação um tanto angustiante. Se adequar a essas demandas torna o ofício difícil, tendo em vista que exige uma postura ética que até então não fora aprendida na graduação, conforme cita a participante 6.

“Consegui alguns clientes pelo Instagram, mas o boca a boca é melhor. Só não ter a pressão de estar todos os dias online. Fora que nunca vi isso na universidade, foi difícil esse início de saber o que postar, se era ético ou não” (P6)

Finalmente, a categoria “Risco em saúde mental” reuniu os fatores que afetam a saúde mental do psicólogo clínico nos primeiros anos de atuação profissional. De acordo com a participante 3, “a gente sente um pouco desamparado quando a gente sai realmente da graduação”. Sentimentos como esse são comuns nesse momento de imersão na profissão, pois essa fala é marcada pela imprevisibilidade e estresse de viver algo novo e turbulento, o que pode levar a um sofrimento psíquico (Sousa & Gonçalves, 2016). Os autores Ferreira Neto e Dias (2006, p. 387), afirmam que a clínica “é um lugar que provoca angústia, na medida em que não há neutralidade possível, o terapeuta participa dessa atividade com sua pessoa.” Assim também se expressaram os participantes 4 e 14:

“O fato de lidarmos diretamente com o sofrimento do outro, também nos afeta. Então é preciso sempre separar o que é meu e o que é do paciente. Mas não é fácil, a gente vai pro atendimento enfrentando inseguranças e chega um paciente com uma demanda de insegurança... é difícil” (P4).

“Eu fico com muito, muito medo, né, fico com o coração na mão, porque de fato eu acho a clínica, ela é muito solitária porque é você e você enquanto profissional para lidar com tudo” (P14).

O fato de lidar com o sofrimento do outro coloca o profissional diante de uma grande responsabilidade e inseguranças que podem afetar seu bem-estar subjetivo, saúde mental e, conseqüentemente, sua forma de atuar. Além disso, a vida na clínica proporciona a este uma “solidão” que traz como sentimento o medo, o receio em ter que lidar de forma integral com questões de outrem, ou mesmo a dificuldade em lidar com essas demandas que são peculiares à profissão. O profissional da psicologia parece se ver implicado na transformação do sofrimento do outro sendo um agente de mudança, essa percepção pode trazer danos à saúde mental dificultando ainda mais a atuação profissional.

Foi possível compreender o quanto se faz necessário que os psicólogos clínicos reconheçam “o efeito de sua própria saúde física e mental na capacidade de ajudar aqueles com quem trabalham” (APA, 2002, p.1062) e procurar formas de cuidado pessoal e formação profissional, como afirma o participante 6:

“A gente precisa fazer supervisão e fazer o nosso processo pessoal também de acompanhamento psicológico, porque se não, ele fica muito abalado. Por causa da própria estrutura do nosso trabalho, por sermos nossa própria ferramenta. E também se preparar para saber diferenciar alguns comportamentos destinados do cliente para mim, se

aquilo é para mim realmente, se é de acordo com minha atuação ou se é a organização daquela pessoa, como aquela pessoa situa no mundo e se relaciona” (P6).

Destarte, é imprescindível que os profissionais da área de saúde que trabalham na promoção de bem-estar e saúde mental dos indivíduos, como os psicólogos clínicos iniciantes, estejam atentos ao cuidado consigo (Pimenta & Rodriguez, 2021). Somado a isso, a disponibilidade de uma rede de atenção em saúde mental, bem como um suporte psicossocial a esses profissionais também tornaria possível uma atuação segura, confiante e eficiente.

Em suma, sobre o exposto nas classes temáticas diversos autores que debatem sobre a formação em Psicologia têm apontado que a construção acadêmica está distante do ideal, uma vez que o curso não atende as demandas da sociedade, apresentando um enfoque concentrado na formação clínica-individual (Aguirre et al., 2000; Bettoi & Simão, 2000; Carneiro, 2006). Somado a isso, há a falta de uma articulação em muitas disciplinas da teoria com a prática (Francisco & Bastos, 2010; Yamamoto & Cunha, 1998), apresentando em sua maioria acadêmica estudantes receptores de informações passivos e com isso sem o desenvolvimento de uma atuação crítica (Japur & Guanaes, 1999). O que aponta para a necessidade de uma graduação mais crítica, social, atuante e mais formativa de fato, do que informativa (Lo Bianco, Bastos, Nunes & Silva, 1994). Esses autores alertam para a existência de uma formação que pode muitas vezes ser precária e afetar de forma negativa a ocorrência de práticas inadequadas.

4. Conclusão

Ante o exposto, observa-se a formação acadêmica como um fator influente na atuação de psicólogos clínicos iniciantes. Percebeu-se que as práticas/vivências clínicas acadêmicas apresentam-se como indispensáveis na formação do psicólogo clínico, no sentido de aproximar o estudante da prática profissional futura. Contudo, tais momentos necessitam ser debatidos e ampliados ao longo da formação acadêmica do psicólogo. Cada curso de psicologia tem a sua própria característica teórico/técnica o que acaba por influenciar na direção que os alunos tomam para a sua formação e nesse ponto é necessária uma atenção maior por parte de toda comunidade acadêmica, pois esse processo de formação traz consigo a construção de crenças e técnicas que muitas vezes podem vir a se tornar inflexível a mudanças ou até no diálogo com outras abordagens e teorias.

Ademais, o período de inserção no mercado de trabalho pode trazer riscos à saúde mental dos psicólogos clínicos iniciantes, uma vez que esse processo é marcado por dificuldades financeiras, captação de pacientes, escassez de pacientes, adaptação às exigências administrativas e laborais da área, além de preocupações com autocuidado e continuidade da profissionalização em psicologia clínica. A responsabilidade de estar disponível ao outro é uma tarefa desafiadora e que exige sobretudo a prática constante do autocuidado para exercer uma prática profissional de qualidade, porém o acesso nem sempre é possível a esses serviços, seja por questões financeiras ou de disponibilidade.

Os resultados do estudo tornam-se relevantes para compreender a importância da formação acadêmica para a atuação em psicologia clínica, como também, conhecer a vivência dos anos iniciais do psicólogo clínico e construir possíveis ferramentas de cuidado em saúde mental para esse público. Estudos como esse apontam também para a necessidade de novas pesquisas com dados atualizados sobre a formação teórico-prática e as implicações da clínica nos anos iniciais. Além disso, como sugestão para trabalhos futuros seria interessante explorar mais o debate acadêmico acerca da própria formação acadêmica, demonstrando a importância de se formar profissionais comprometidos com uma ética política-profissional e atentos para as demandas sociais.

Apesar de ser uma temática importante, esse estudo apresenta limitações, visto que foram entrevistados poucos

profissionais. Sendo assim, foi possível diante dos dados apresentados apontar indicações sobre as vivências do recorte de profissionais paraibanos diante do seu processo formativo. Destaca-se, a importância de estudos complementares ou de mesma metodologia com amostras maiores para que se possa construir um arcabouço robusto sobre essa temática, tanto no contexto nacional, como internacional.

Referências

- Abdalla, I. G. (2007). O ensino de Psicologia Clínica na graduação: uma análise a partir de psicólogos clínicos docentes e não docentes. *Revista brasileira de educação médica*, 31(2), 190–190.
- Abdalla, I. G., Batista, S. H., & Batista, N. A. (2008). Desafios do ensino de psicologia clínica em cursos de psicologia. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(4), 806–819.
- Aguirre, A. M. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. S. & Santiago, M. D. E. (2000). A Formação da atitude clínica no estagiário de Psicologia. *Psicologia USP*, 11 (1), 49-62.
- Almeida, M., & De, C. D. S. (2016). A formação do psicólogo clínico: Considerações a partir de uma projeto de extensão com famílias. *Revista Sula Americana de Psicologia*, 4.
- Alves, D. L. (2017). O vínculo terapêutico nas terapias cognitivas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 19(1), 55–71.
- Bastos, A. V. B., Gondim, S. M. G., & Borges-Andrade, J. E. (2010). O psicólogo brasileiro: Sua atuação e formação profissional. O que mudou nas últimas décadas? Em O. H. Yamamoto & A. L. F. Costa (Orgs.), *Orgs.* (p. 257–271). EDUFRN.
- Bettoi, W., & Simão, L. M. (2002). Entrevistas com profissionais como atividade de ensino-aprendizagem desejável na formação do psicólogo. *Psicologia*, 15(3), 613–624.
- Bordignon, G. L. H. (2021). Do ensino superior ao mercado de trabalho e início de carreira: a contribuição da psicologia. *Revista Universo Psi Taquara*, 2021(1), 17–41.
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513–518.
- Carneiro, V. T. (2006). *Tornando-se Clínico* (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco.
- Carvalho, A. M. A., & Kavano, E. (1982). Justificativas de opção por área de trabalho em psicologia: Uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. *Psicologia*, 8(3), 1–18.
- Conselho Federal de Psicologia (2022). Quem faz a psicologia brasileira? um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho volume I- formação e inserção no mundo do trabalho / *Conselho Federal de Psicologia*— 1. ed.— Brasília : CFP (Brasil).
- Conselho Nacional de Educação Superior. (2004). Resolução nº 8, de 7 de maio, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. CNE/CES Resolução 8. *Diário Oficial da União, seção 1*(Brasília), 16.
- Conselho Nacional de Saúde (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro, institui diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. CNS. *Diário Oficial da União, seção 1*(Brasília).
- Corrêa Borges, M. (2006). *A construção de um psicoterapeuta: formação e habilidades*. PUC.
- Correia, M. R. de A. (2007). *Construção de identidades em psicologia*. Universidade Federal da Bahia.
- Ethical principles of psychologists and code of conduct. (2002). Em *Methodological issues and strategies in clinical research* (p. 1060–1073). American Psychological Association.
- Ferrarini, N. da L., & Camargo, D. de. (2012). O sentido da psicologia e a formação do psicólogo: um estudo de caso. *Psicologia & sociedade*, 24(3), 710–719.
- Ferrarini, N. da L., & Camargo, D. de. (2014). O professor de psicologia diante da multiplicidade e diversidade teórica da psicologia: lugar de incertezas e de desafios. *Psicologia Ensino & Formação*, 5(1), 32–49.
- Ferreira Neto, J. L., & Penna, L. M. D. (2006). Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. *Psicologia em estudo*, 11(2), 381–390.
- Figueiredo, M. A. C. (1993). *Profissionais de saúde e AIDS. Um estudo diferencial*.
- Figueiredo, R. B. de, & Cruz, F. M. L. (2017). Psicologia: profissão feminina? A visão dos estudantes de Psicologia. *Estudos feministas*, 25(2), 803–828.
- Francisco, A. L., & Bastos, A. V. B. (2010). Conhecimento, formação e prática: O necessário caminho da integração. In Conselho Federal de Psicologia (Ed.), *Psicólogo brasileiro: Construção de novos espaços* (pp71-88). Campinas: Editora Alínea.
- Gomes, I. C. (2009). *A formação do estagiário de psicologia em atendimento a casais e famílias na abordagem psicanalítica*. Em T. Féres-Carneiro (Org). PUC.

- Japur, M., & Guanaes, C. (1999, jul/dez). A percepção de alunos e professores sobre a motivação, como mediadora do processo de formação em Psicologia. *Psico – Revista Semestral da faculdade de Psicologia da PUC-RS*. Porto Alegre, 30 (2).
- Lo Bianco, A. C., Bastos, A. V. B, Nunes, M. L. T., & Silva, R. C. (1994). Concepções e atividades emergentes na Psicologia Clínica: Implicações para a formação. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Psicólogo brasileiro: Práticas emergentes e desafios para a formação* (pp. 7-76). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Meira, C. H. M. G., & Nunes, M. L. T. (2005). Psicologia clínica, psicoterapia e o estudante de psicologia. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 15(32), 339–343.
- Mello, S. L. (1975). *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática.
- Pessoa da Silva, G. F. B., Cardoso, B. dos S., Franco, K. D., & Moscon, D. C. B. (2018). Os significados do conceito de abordagem teórica e as implicações na prática do psicólogo: um estudo com graduandos de psicologia. *Seminário Estudantil de Produção Acadêmica*, 17.
- Pimenta, E. C. S. S., & Rodriguez, S. Y. (2021). Fatores de risco e de proteção à saúde mental de psicólogos clínicos. *Trabalho (En)Cena*.
- Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a psicologia clínica*. Editora da UFSC.
- Severino, A. J. (2018). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Sopelsa, O., Rios, M. P. G. & Lukmann, L. C. (2012). O compromisso da universidade com a empregabilidade: Concepções dos egressos e empregadores. *Impulso*, 22(54), 73-84.
- Sousa, E., & Gonçalves, C. (2016). Satisfação com a Formação Superior e Transição para o Trabalho. *Revista de Psicologia*, 25(1), 1–20.
- Tenório, L. G. B., & Souto, L. M. (2018). *Marketing pessoal e redes sociais na empregabilidade do psicólogo recém-formado no mercado de trabalho moderno*, do Curso de Psicologia da CESMAC. Monografia (Graduação em Psicologia).
- Yamamoto, O., & Cunha, I. (1998). O psicólogo em hospitais de Natal: uma caracterização preliminar. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 11(2), 345-362.